

A ESCRITA COMO RETORNO À CULTURA NA TRILOGIA MADDADDAM, DE MARGARET ATWOOD

WENDEL BUCHWEITZ¹;
EDUARDO MARKS DE MARQUES³

¹ Universidade Federal de Pelotas – contatowendelwb@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – eduardo.marks@mandic.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe-se a analisar criticamente a trilogia *MaddAddam*, da escritora canadense Margaret Atwood, a fim de compreender, dentro da narrativa, como se dá o processo de “reculturação” dos *Crakers*, criaturas pós-humanas desenvolvidas para repovoar a Terra após um genocídio intencional. Os *Crakers* são criados com a intenção de não terem qualquer traço de cultura humana além da linguagem oral.

O foco desta análise é, contudo, verificar como o processo de aprendizado da linguagem escrita, influencia na percepção de mundo dos *Crakers*, e quais são as implicações deste aprendizado no processo de “reculturação” deles.

2. METODOLOGIA

A metodologia de análise deu-se a partir das discussões abertas nas reuniões do grupo de pesquisa “O mundo que (des)conhecemos: examinando as distopias pós-modernas nas literaturas anglófonas contemporâneas”, da Universidade Federal de Pelotas, sob a orientação do Prof. Eduardo Marks de Marques.

Houve uma leitura atenta e crítica da trilogia *MaddAddam*, levando em consideração aspectos culturais, políticos e sociológicos, traçando, assim, através da leitura e das discussões em grupo, reflexões acerca do papel da escrita nas três narrativas que compoem a obra de Atwood.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o dado momento, foram analisados os três livros que compoem a trilogia, a saber: *Oryx e Crake* (publicado em 2003), *O Ano do Dilúvio* (2009) e *MaddAddam* (2013). Além disso, foram também lidas outras obras de Margaret Atwood, como *O Conto da Aia* (1985), a fim de aprimorar a análise acerca da escrita dentro da obra da autora canadense.

A trilogia *MaddAddam* explora um mundo pós-apocalíptico, no qual a população humana foi (em sua imensa maioria) devastada por um vírus espalhado por uma pílula que prometia aumentar drasticamente a capacidade sexual de seus usuários. Toda esta destruição foi idealizada e posta em prática por Crake, um cientista sem escrúpulos, que explorou seus funcionários (os mantendo ignorantes a respeito de seu projeto) a fim de ver seu plano de destruição da raça humana realizado.

Para repovoar a terra, Crake criou os “*Crakers*”, que são seres desenvolvidos de forma artificial em um laboratório. Ao elaborar seu projeto, Crake buscou eliminar todo tipo de cultura (em seu sentido mais amplo) de sua criação, pois, segundo o próprio Crake, a cultura e o pensamento religioso e/ou simbólico eram a raiz de quase todos os males da humanidade. Desta forma, os

Crakers foram desenvolvidos sem a capacidade de ler e escrever, pois, assim, eles teoricamente não teriam acesso à ‘cultura’.

Entretanto, ao ter contato com seres humanos (pois os Crakes são, em tese, pós-humanos), eles começam a fazer perguntas acerca da origem deles, ao passo que Jimmy, um dos seres humanos sobreviventes e o primeiro a ter contato com eles depois da devastação, cria um mito de origem dos Crakers, para satisfazer a curiosidade destes. Ao fazer isso, Jimmy está criando uma narrativa, um mito de criação (exatamente o que Crake queria evitar em seu projeto).

Ao final do último livro da trilogia, Blackard, um dos Crakers, é ensinado por uma humana (Toby) a ler e escrever. Deste modo, ao final da narrativa, Blackbeard (com a ajuda de Toby) é incumbido de relatar – através da escrita de um livro – as histórias que os Crakers vivenciaram junto aos humanos, e dar continuidade a partir daquele momento. Como relata o próprio Blackbeard:

“(...) Toby alertou sobre esse Livro que escrevemos. Disse que o papel não devia molhar, ou as palavras derreteriam e não seriam mais ouvidas, e o mofo cresceria nele, e se tornaria preto e se desintegraria por completo. E que outro Livro deve ser feito, com os mesmos escritos que o primeiro.” (ATWOOD, 2013; pág. 386).

Conforme escreve Marques (2016): “Não só Blackbeard torna-se o primeiro Craker a aprender a ler e escrever, mas ele também se torna o primeiro historiador entre eles”. Deste modo, os Crakers não só tiveram contato com a escrita, mas a usaram como ferramenta para documentar o (então) presente momento dentro da narrativa, a fim de que sua história seja passada adiante às próximas gerações.

4. CONCLUSÕES

Esta análise se propôs a refletir acerca da trilogia supramencionada sob uma visão voltada para a aculturação, e, por conseguinte, uma visão voltada para a forma como a escrita é desenvolvida e usada pelos Crakers, que a utilizam com o fim de documentar as suas histórias, de modo de que essas histórias possam ser lidas e lembradas pelas gerações seguintes.

Assim, a escrita pode ser interpretada, dentro da narrativa, como uma forma de cultura (e de pensamento simbólico) – exatamente o contrário do que Crake quisera ao desenvolver os Crakers –, do mesmo modo que pode ser vista como uma maneira de registrar o presente, e, por conseguinte, fazer com o que fora vivenciado não seja esquecido com o passar do tempo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ATWOOD, Margaret. **Oryx e Crake**. São Paulo: Rocco, 2003.
- ATWOOD, Margaret. **O Ano do Dilúvio**. São Paulo: Rocco, 2009.
- ATWOOD, Margaret. **MaddAddam**. London: Bloomsbury Plc, 2013.
- ATWOOD, Margaret. **O Conto da Aia**. São Paulo: Rocco, 1985.
- MARKS DE MARQUES, Eduardo. Children of Oryx, Children of Crake, Children of Men: Redefining the Post/Transhuman in Margaret Atwood’s ‘utopian’

MaddAddam Trilogy. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, Vol 25, pp 133-146, 2016.